



# Entre o eu e o algoritmo: a autoria em tempos de inteligência artificial generativa (IAGen)

Mirian Maia do Amaral

Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: [amaral3378@gmail.com](mailto:amaral3378@gmail.com)

**RESUMO.** Este ensaio propõe uma reflexão crítica sobre os deslocamentos da noção de autoria ao longo da história, problematizando seus usos, em geral e, em particular, diante dos avanços da Inteligência Artificial Generativa. Com base nas contribuições de Barthes (2004), Foucault (1992) e Freire (2019a, 2019b, 2021), entre outros, a autora, a partir da compreensão da autoria como posição ética e política, articula os conceitos de curadoria criativa, inteligência coletiva (Lévy, 1999) e responsabilidade (Bakhtin, 2011; Jonas, 2006), visando à construção de práticas pedagógicas que resistam à pasteurização do pensamento e promovam uma autoria distribuída, insurgente e intencional. Nesse contexto propõe a adoção de uma Pedagogia do Encontro, na qual a Inteligência Artificial Generativa abraça a Educação, favorecendo a escuta ativa, o reconhecimento do outro e a construção coletiva do saber, mediante a criação de pontes entre diferentes realidades, que ofereça caminhos plurais para o aprendizado e fomenta a participação ativa dos educandos. A autor enfatiza que, se utilizada de modo consciente, prudente e responsável, a IAGen pode transformar a educação em um processo mais humanizado e libertador, no qual o docente desempenha um papel essencial, e os estudantes são estimulados a pensar criticamente, explorar suas próprias possibilidades e se preparar para os desafios de um futuro em constante mudança.

**Palavras-chave:** inteligência artificial generativa; pedagogia do encontro; pensamento crítico-reflexivo.

## Between the self and the algorithm: authorship in times of generative artificial intelligence (GAI)

**ABSTRACT.** This essay proposes a critical reflection on the shifts in the notion of authorship throughout history, problematizing its uses, in general and, in particular, in light of advances in Generative Artificial Intelligence. Grounded in the theoretical contributions of Barthes (2004), Foucault (1992), and Freire (2019a, 2019b, 2021), among others, the author approaches authorship as an ethical and political stance. Within this framework, the essay articulates the concepts of creative curation, collective intelligence (Lévy, 1999), and responsibility (Bakhtin, 2011; Jonas, 2006), aiming to foster pedagogical practices that resist the homogenization of thought and promote a distributed, insurgent, and intentional authorship. Within this framework, the essay proposes the adoption of a Pedagogy of Encounter, in which Generative Artificial Intelligence embraces Education, encouraging active listening, the recognition of the other, and the collective construction of knowledge through the creation of bridges between different realities. Such an approach offers plural pathways for learning and fosters the active participation of students. The author emphasizes that, when used consciously, prudently, and responsibly, Generative Artificial Intelligence can transform education into a more humanized and emancipatory process, in which teachers play an essential role and students are encouraged to think critically, explore their own potential, and prepare themselves for the challenges of an ever-changing future.

**Keywords:** generative artificial intelligence; education; pedagogy of encounter; critical-reflective thinking.

## Entre el yo y el algoritmo: la autoría en tiempos de inteligencia artificial generativa (IAG)

**RESUMEN.** Este ensayo propone una reflexión crítica sobre los desplazamientos de la noción de autoría a lo largo de la historia, problematizando sus usos en general y, en particular, frente a los avances de la Inteligencia Artificial Generativa. Con base en las contribuciones de Barthes (2004), Foucault (1992) y Freire (2019a, 2019b, 2021), entre otros, la autora, desde la comprensión de la autoría como posición ética y política, articula los conceptos de curaduría creativa, inteligencia colectiva (Lévy, 1999) y responsabilidad (Bakhtin, 2011; Jonas, 2006), con el objetivo de construir prácticas pedagógicas que resistan la homogeneización del pensamiento y promuevan una autoría distribuida, insurgente e intencional.

En este contexto, propone la adopción de una Pedagogía del Encuentro, en la cual la Inteligencia Artificial Generativa abraza la Educación, favoreciendo la escucha activa, el reconocimiento del otro y la construcción colectiva del conocimiento mediante la creación de puentes entre diferentes realidades. Este enfoque ofrece caminos plurales para el aprendizaje y fomenta la participación activa de los estudiantes. La autora enfatiza que, si se utiliza de manera consciente, prudente y responsable, la Inteligencia Artificial Generativa puede transformar la educación en un proceso más humanizado y liberador, en el cual el docente desempeña un papel esencial y los estudiantes son estimulados a pensar críticamente, explorar sus propias posibilidades y prepararse para los desafíos de un futuro en constante transformación.

**Palavras chave:** inteligencia artificial generativa; pedagogía del encuentro; pensamiento crítico-reflexivo.

Received on August 26, 2025.  
Accepted on November 26, 2025.  
Published in March 11, 2026.

## Introdução

Houve um tempo em que escrever era, para mim, um ritual solitário; uma escrita realizada em silêncio e introspecção - quase um ato místico, na medida em que mergulhava em mim mesma, escavando memórias, emoções e ideias. Preferia escrever à noite, como se invocasse musas em horários sagrados, sempre acompanhada de uma xícara de chá. Cada palavra era escolhida com precisão; em cada pausa uma intenção. Era como acender velas num templo interno - um processo lento, reflexivo, algumas vezes doloroso, mas também revelador. Uma escrita íntima, artesanal, e profundamente humana.

Hoje, com a emergência do digital em rede e a chegada das Inteligências Artificiais Generativas (IAGen<sup>1</sup>), em especial aquelas voltadas à escrita e à criação, eu - uma especialista em educação, que ainda insisto em escrever com as próprias mãos, mesmo que elas já toquem teclas de dispositivos móveis, experimento algo surpreendente, modos de escrever diferentes: enquanto um é introspectivo, o outro é expansivo. Mas, ambos buscam dar forma ao invisível, traduzir o indizível, tocar o outro com palavras.

Com a IAGen, o processo se transforma em uma dança com o inesperado, misturando estilos, vozes, referências culturais e técnicas com fluidez, que me tiram da zona de conforto, ao ter de com ela negociar sentidos. Nesse contexto, a escrita deixa de ser solitária e se faz diálogo entre humano e máquina, entre intenção e acaso. É como invocar um espírito criativo digital que joga ideias na mesa e diz: “E se fosse dessa forma?”

Freire (2019b, p. 96) afirma que a educação não é uma prática de sujeitos isolados, e que “[...] os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis”. Sob essa ótica e, movida pela curiosidade epistemológica construída pelo exercício crítico da capacidade de aprender, ligo o computador e acesso o ChatGPT. Logo, sou convidada a fazer perguntas. Alimento-o, então, com minhas questões, anotações, alegrias, esboços e dores. Em segundos, um texto surge na tela, com clareza, coesão, consistência e profundidade. Palavras cativantes, argumentos sólidos e um estilo elegante parecem refletir a essência de um autor humano. São versos lapidados, metáforas inéditas e uma fluidez desconcertante!

Vivemos uma era em que as palavras, orientadas por algoritmos que aprendem com o mundo e o devolvem em forma de texto, se escrevem quase sozinhas, fazendo emergir uma pergunta inquietante, quase incômoda: a quem pertence a autoria em tempos de Inteligência Artificial Generativa, na medida em que ela não cria do zero, apenas reorganiza os dados?

A essa altura, talvez tanto eu, como você, leitor, desejemos uma resposta precisa, prescritiva, reconfortante. Mas um ensaio crítico-reflexivo, ao contrário de uma receita, não alivia sintomas, instiga feridas, nos faz refletir. Penso, então: na medida em que formulei a questão, orientei e elaborei as perguntas que constituíram os *prompts*, de quem são esses escritos? Quem é o autor? Eu? Ou seria a máquina?

Bem sabemos que a Inteligência Artificial Generativa (IAGen) consiste em um ramo da Inteligência Artificial - IA, centrado em modelos de redes neurais capazes de gerar conteúdo como arte, música, código de *software* e escrita, a partir de combinações estatísticas de informações armazenadas em bancos de dados, inaugurando, desse modo, uma nova ecologia da escrita.

Produzir textos deixou de ser um processo exclusivamente humano: algoritmos generativos, alimentados por grandes volumes de dados, são hoje capazes de gerar conteúdos coerentes, criativos e, por vezes, refinados. Se assim o é, como pensar a autoria num contexto em que a própria escrita é automatizada? Mais do que uma inquietação técnica ou jurídica, essa é uma questão epistemológica, ética e formativa, que tem

<sup>1</sup> Forma abreviada e mais informal de se referir a essa tecnologia.

agitado o mundo. A IAGen é ‘a bola da vez’! Só se fala nisso. No meio acadêmico, em especial, os debates se intensificam, dividindo opiniões.

Para melhor compreensão desse fenômeno, recorro à literatura e encontro abrigo para minhas elucubrações, na obra de Eco (2020) que, ao analisar a cultura de massa e dos meios de comunicação, divide os intelectuais em dois grupos: os apocalípticos, que veem a cultura de massa como uma ameaça à alta cultura, e os integrados, que a aceitam sem reservas.

O mesmo acontece com essas inteligências. De um lado, alguns aplaudem a iniciativa, ressaltando a rapidez com que a IAGen responde aos *prompts*, sua pequena margem de erros, sua disponibilidade, o custo-benefício de sua adoção, bem como seu potencial de influenciar os processos de evolução humana, ao incidir sobre competências cognitivas e dinâmicas de interação social.

A Inteligência Artificial Generativa de texto vem reconfigurando nossas práticas de escrita. O que antes era um processo solitário agora é um diálogo com máquinas inteligentes. Essa mudança é tão profunda que hoje nos percebemos como autores híbridos, com uma capacidade de criação ampliada pela IA. Escrever sem essa parceria agora nos parece tão impensável quanto redigir artigos científicos sem mecanismos de busca, como o Google Acadêmico (Pimentel et al., 2024, p. 10).

Em direção contrária, há toda uma proibição ao seu uso, por receio de que a prática do ‘copiar e colar’ aumente numa velocidade jamais imaginada, apagando todo o esforço de investimentos na formação de ‘*ciberautorescidadãos*’<sup>2</sup> – sujeitos contemporâneos, críticos e reflexivos que atuam, produzem e se posicionam nos espaços digitais, sendo não apenas consumidores de informações, mas autores de sentidos, saberes e práticas sociais em rede (Ribeiro, 2015; Ribeiro & Santos, 2018).

Sintonizada com o pensamento de Eco (2020), que afirma que, em vez de rejeitar a cultura de massa, os intelectuais devem buscar formas de a utilizar para transmitir valores culturais, foco na IAGen e reconheço o vasto potencial dessa revolução tecnológica, na medida em que cria oportunidade para a inovação educacional, a eficiência e o acesso ao conhecimento. No entanto, admito que, se esse uso não for acompanhado de uma governança substantiva, uma formação adequada e de garantias de equidade e transparência, pode agravar desigualdades, tornar frágil a qualidade da aprendizagem, ameaçar a autonomia e aprofundar conflitos éticos, epistemológicos, econômicos, educacionais e sociais, entre outros, que devem ser amplamente discutidos, de modo crítico e reflexivo.

Do ponto de vista ético, a IAGen pode reproduzir vieses de gênero, raça, classe, etnia, entre outros, devido a algoritmos tendenciosos, presentes nos dados armazenados durante seu treinamento, com decisões discriminatórias. A opacidade nos mecanismos de produção de seus textos e imagens, vistos como ‘caixa-preta’, dado que, na prática científica, certos conhecimentos ou dispositivos tornam-se ‘fechados’, não sendo mais questionados ou investigados: sabemos o que entra e o que sai, mas não examinamos o que acontece em seu interior (Latour, 2012), dificultando sua explicação, responsabilização e transparência, fragilizando a qualidade da aprendizagem; e a não clareza quanto às fontes dos dados extraídos da *Internet*, ou se esses são protegidos por direitos autorais, pode esbarrar com problemas éticos e legais.

Epistemologicamente, a IAGen gera textos muitas vezes convincentes, porém imprecisos, que ameaçam a confiança do usuário em relação ao conhecimento produzido. Ao reproduzir narrativas dominantes, essa inteligência uniformiza o saber, limitando a pluralidade epistemológica (Ardoino, 1998; Macedo, 2020), além de dificultar o rastreamento de fontes e o reconhecimento da autoria humana.

Em termos econômicos, a IAGen traz implicações para o mercado de trabalho, na medida em que a automação pode levar à substituição de tarefas repetitivas, aumentando o desemprego setorial, o que exige requalificação. Além disso, pode impactar a produtividade, pois empresas com mais recursos podem se beneficiar, ampliando as desigualdades entre países e em seu interior. Por fim, essa tecnologia favorece novos modelos de negócio, com o surgimento de *startups*, serviços customizados e tecnologias disruptivas.

No campo da educação, emergem questões referentes à privacidade e proteção de dados sensíveis dos usuários, geralmente coletados e usados sem transparência, podendo violar seus direitos e confiança. A falta de preparo dos professores também limita o uso pedagógico e inclusivo da IAGen, e sua utilização excessiva pode reduzir a autonomia e a criatividade dos usuários, sendo urgente o desenvolvimento do pensamento

<sup>2</sup> A grafia do termo ‘*ciberautorescidadãos*’, cunhada por Ribeiro (2015), assim como outros que aparecerão nesse texto, grafados da mesma forma, foi adotada nesse estudo a partir do referencial teórico de Alves (2019) sobre as pesquisas com os cotidianos. Assim, “[...] preferimos escrever juntas, em itálico e entre aspas simples, as palavras que aprendemos dicotomizadas pelos modos homogêneos de pensar e escrever. Dessa forma, demonstramos os limites de uma maneira de pensar herdada, e indicamos que podemos criar outros modos de ‘prácticateorias’” (Alves, 2019, pp. 15-16).

crítico e da colaboração.

Quando tomamos o viés social, fica transparente a exclusão digital, devido ao desigual acesso à infraestrutura tecnológica e à conectividade, aprofundando, desse modo, as margens sociais. A coleta massiva de dados, o alinhamento e monetização por grandes empresas - geralmente sem conformidade com a legislação vigente, fere a privacidade e dificulta a vigilância, além de seu uso demandar alta energia e contribuir para poluição digital. Assim, o grande desafio que se nos impõe consiste em construir políticas, práticas e estruturas que permitam maximizar benefícios, ao tempo em que mitigam os riscos em todas essas dimensões.

Essas questões me levam a novas indagações: a IAGen poderá ser reconhecida como coautora, quando contribuir significativamente para a cocriação da obra? Quem legitima a qualidade dessa contribuição - o usuário? O leitor? Baseado em quê? Em princípio, entendo que por mais 'surpreendente' que possa parecer, a IAGen não cria no sentido humano do termo. Ela não intenciona, não se responsabiliza, não interpreta nem atribui sentido ao que produz. O que ela faz é uma mediação algorítmica que interfere no processo criativo, mas não compartilha o estatuto de sujeito com o humano.

Foucault (1996) nos lembra que a autoria não é uma qualidade intrínseca do texto ou de quem o escreve, mas um efeito de discurso, um marcador de função social. O 'autor' é uma construção histórica, cuja legitimidade não está na intenção de quem escreve, mas no reconhecimento da comunidade discursiva (leitores, pares, instituições). Nesse sentido, a autoria é atribuída não só ao conteúdo desenvolvido, mas à posição que esse sujeito ocupa na produção de saber. Mas, o que é ser autor? Somos autores apenas quando escrevemos sozinhos? E quando um texto nasce de uma conversa, de uma lembrança herdada, de um sonho coletivo?

A autoria é, ou ela também se faz, atravessada por contextos, vozes, tecnologias, como nos ensina Ardoino (1998) ao nos brindar com a ideia de autorização<sup>3</sup>, ou seja, "[...] a capacidade de autorizar-se, fazer-se, pelo menos, coautor do que é produzido socialmente. Se o ator é sempre, mais ou menos explicitamente, portador de sentido, o autor é a fonte e criador de sentido" [Ardoino, 1998, tradução nossa]? Da mesma forma que Lévy (1999), concebe o conhecimento como algo construído de forma colaborativa (inteligência coletiva), em redes distribuídas de saber, ao utilizar uma IAGen, o humano não estaria acessando uma memória coletiva, treinada com uma infinidade de textos, imagens e dados produzidos por outros humanos, portanto, uma 'autoria distribuída'?

Sem dúvida, IAGen opera por meio de padrões, estatísticas e probabilidades. Seus algoritmos são capazes de gerar textos, imagens, músicas e códigos com qualidade e coerência. No entanto, falta-lhe intencionalidade, subjetividade e consciência. Quem define o tema, seleciona os insumos, configura os parâmetros, escolhe o que será aproveitado ou descartado, realiza ajustes finos e conecta os conteúdos a uma finalidade maior é o ser humano.

Essa constatação me leva de volta ao texto em tela. Sentia-me, sim, autora. Mas uma autora em travessia, entre o humano e o artificial. Sabia que esses escritos existiriam, independentemente da máquina. Mas, estava também convicta de que a máquina não escreveria aquele texto sem mim. Então, pensei: talvez estejamos vivendo não o fim da autoria, mas sua metamorfose, o que exige coragem para ver beleza no que ainda não compreendemos por inteiro.

Diante dos desafios que a autoria enfrenta na era das Inteligências Artificiais Generativas, que envolvem não apenas questões técnicas, mas também implicações epistemológicas, éticas e políticas, o ensaio crítico-reflexivo mostrou-se a abordagem mais adequada, dado que, por sua natureza subjetiva, dialógica e aberta, essa forma de escrita rompe com os métodos tradicionais e valoriza a experiência vivida do autor, articulando sensibilidade, pensamento crítico e a relação entre teoria e prática. Desse modo, mais do que descrever, o ensaio problematiza. Ao combinar argumentos, vivências e referências, tensiona práticas, conceitos e políticas sob uma perspectiva crítica e propositiva.

Situado na fronteira entre o literário e o filosófico, entre a experiência vivida e a reflexão teórica, carrega uma intencionalidade subjetiva, por parte de sua autora, cujo papel não é o da neutralidade, mas o de alguém que se envolve com o objeto e problematiza as relações de saber; não busca conclusões definitivas, mas percorre caminhos de pensamento que se constroem no próprio ato de escrever.

Inspirado na tradição de Montaigne (2016), que o entendia como um exercício de liberdade intelectual e autoconhecimento, este texto adota uma escrita que transita entre o pessoal e o universal, sem pretensões de alcançar verdades absolutas, mas que valoriza o diálogo entre experiência e reflexão. Também se apoia nas ideias de Adorno (2003), para quem o ensaio é uma forma filosófica e epistemológica que se opõe à rigidez

<sup>3</sup> No original: [...] capacidad de autorizar-se, de hacerse a sí mismo, al menos, coautor de lo que será producido socialmente. Si el actor es siempre, más o menos explicitamente, portador de sentido, el autor es fuente y productor de sentido.

dos métodos científicos convencionais. Em vez de seguir regras fixas, o ensaio se estrutura pela coerência interna, pela articulação crítica das ideias e pela recusa à separação entre sujeito e objeto, operando por aproximações, deslocamentos e constelações conceituais, que podem iluminar aspectos da realidade que escapam às abordagens positivistas.

Adotar o ensaio crítico-reflexivo, portanto, é reconhecer a dúvida, a incompletude e a subjetividade como partes legítimas do processo de conhecer. Essa escolha valoriza a escrita como prática de pensamento e permite a construção de saberes vivos, situados e humanos, capaz de questionar práticas, revisitar vivências e ampliar o entendimento sobre os fenômenos educativos em suas múltiplas dimensões - ética, histórica, cultural e política.

## Autoria em tempos de Inteligência Artificial Generativa: uma metamorfose em curso

A autoria nunca foi um ponto fixo. E, agora, mais do que nunca, ela se move. Caracterizada pela presença, ocultação ou disfarce da identidade do autor, na obra, a autoria, historicamente concebida como expressão singular de um sujeito criador, tem sido tensionada por múltiplos vetores, e ressignificada ao longo do tempo. Seja na produção textual, imagética, sonora, ou outras, o conceito de autor, como detentor de um tipo de conhecimento ou talento, sofreu deslocamentos, sendo substituído, no digital em rede, por uma atuação colaborativa/coletiva (Amaral, 2014).

A concepção tradicional de autoria tem suas raízes nas reflexões filosóficas e jurídicas sobre a criação intelectual. Desde a Antiguidade Clássica até a invenção da imprensa, as obras circulavam como criações abertas, em constante transformação, sem preocupação com sua finalização. Narrativas, epopeias, tragédias e outras manifestações culturais eram passíveis de modificações e acréscimos ao longo do tempo. Nessa época, considerava-se Deus como a fonte suprema da inspiração, sendo Ele o verdadeiro autor das obras.

A necessidade de atribuir autoria a um indivíduo específico, segundo Chartier (2006), surge no século XVI como um mecanismo estratégico da Igreja Católica para combater discursos considerados transgressores. Textos que contrariavam a ortodoxia religiosa e política eram classificados como apócrifos e profanos, passíveis de punição. Foucault (1996) observa que essa função repressiva atribuída ao discurso reforça a figura do autor, consolidando a autoria como um processo centrado na individualidade.

Esse entendimento se intensifica com o pensamento cartesiano, que promove a imagem de um sujeito racional e consciente como agente do conhecimento. A Reforma Protestante, ao preconizar o contato direto entre o indivíduo e a divindade, contribui para esse deslocamento, assim como o Renascimento, com sua valorização do humanismo, e o Iluminismo, que enaltece a razão e a autonomia frente aos dogmas religiosos.

Com a invenção da prensa tipográfica por Gutenberg e o avanço da imprensa, institui-se uma distinção entre 'autor' (*author*), cujo nome próprio confere autoridade à obra, e 'escritor' (*writer*), simplesmente aquele que escreve. Para Chartier (2006), a própria estrutura do livro impresso impõe a função-autor, consolidando a obra como produto fechado e acabado, sem margem para modificações posteriores.

Nesse contexto, a leitura pública e coletiva, comum na Idade Média, vai gradualmente cedendo lugar à leitura silenciosa e individualizada, reforçando a separação entre autor e leitor. Entre os séculos XVIII e XIX, uma série de transformações políticas, econômicas, filosóficas, tecnológicas e estéticas na Europa favorece o surgimento do Romantismo, movimento que aprofunda a noção de autoria. O autor deixa de ser visto como um mero artesão inspirado por forças externas e passa a ser celebrado como um gênio criador, quase divino, cuja obra é expressão original de sua experiência afetiva e subjetividade.

Contudo, ainda no século XIX, esse modelo sofre abalos com os pensamentos de Darwin, que explica a evolução a partir das mudanças nas populações e não nos indivíduos; de Marx, que evidencia o papel das estruturas socioeconômicas sobre a ação individual; e de Freud, que revela a influência do inconsciente na constituição do sujeito. Como destaca Hall (2002), essas contribuições abrem caminho para um novo entendimento da autoria.

Esse movimento se intensifica com o pós-estruturalismo, no qual a linguagem passa a ocupar o centro do discurso, deslocando o sujeito de sua posição central. Com isso, as noções de autor e autoria são revistas, deixando de representar uma instância soberana e individualizada para se tornarem categorias em constante tensão e questionamento. Nesse contexto, Barthes (2004) afirma a não existência do autor fora da linguagem, ou anteriormente a ela, concebendo-o como um imitador de um gesto ou de uma palavra anteriores a ele, mas nunca originais, sendo seu único poder o de mesclar escritas. Desse modo, retira o foco de um sujeito que tudo sabe,

unificado, intencionado como o ‘lugar’ de produção da linguagem, para o leitor. Foucault (1992), por sua vez, investiga a função autoral como um constructo social e discursivo, operando em determinados regimes de saber e poder. Os debates atuais sobre a cultura remix e a produção colaborativa nas redes, torna a obra intelectual e artística “[...] coletiva, múltipla e, não raras vezes, anônima, fragmentada, inacabada, mutante e fugaz [...]” (Amaral, 2014, p. 204), ampliando a colaboração intelectual, com o entrelaçamento mais estreito entre autor e leitor.

A crescente presença da Inteligência Artificial Generativa intensifica o debate sobre a questão autoral. No entanto, não demarca o fim da autoria, ainda que, alimentada por grandes bases de dados humanos, radicalize esse deslocamento, ao produzir textos coesos, argumentativos, criativos, o que demanda pensarmos nas fronteiras entre autoria, mediação e coautoria.

Escrever tornou-se também um ato de curadoria criativa, dado que a centralidade da autoria não está mais na ‘mão que escreve’, mas na mente que escolhe, direciona, recontextualiza e dá sentido ao que é gerado. Um gesto intencional, ético e sensível que evidencia a presença humana na produção cultural e intelectual mediada por máquinas. A autoria humana, nesse novo contexto, deixa de ser exclusivamente produtora para se tornar orquestradora de possibilidades.

É preciso compreender que essas questões vão além da técnica, na medida em que a IAGen não apenas automatiza tarefas, mas interage, aprende, cria e, de alguma forma, ajuda-nos a interpretar o mundo. Dependendo de como nos posicionamos diante dela pode ser percebida como ‘espelho, parceira e ameaça’.

Como ‘espelho’, a IAGen reflete aquilo que somos e os rastros que deixamos no mundo digital. Alimentada por nossos dados, textos, imagens, sons e padrões culturais, ela reproduz, rapidamente e em escala, nossos discursos, vieses, criatividade e limitações humanas, como afirma Crawford (2021). Nas interações que estabelecemos com essa tecnologia, lidamos com a projeção do que coletivamente produzimos, dado que, como espelho, ela devolve nossa imagem ampliada, editada e, algumas vezes, distorcida. Com efeito, esse espelho é também o reflexo de nossa própria condição humana, nossas contradições e potencialidades.

Como ‘parceira’, a IAGen se coloca como assistente e colaboradora, na medida em que potencializa processos criativos, apoia a aprendizagem, facilita análises complexas e democratiza o acesso à informação; parceria que exige ética, criticidade e intencionalidade (Sampaio et al. 2024). Nessa perspectiva, resalto que podemos delegar tarefas, mas não podemos delegar o pensamento. Isso demanda participação ativa, reflexiva e responsável, compreendendo que a tecnologia não substitui o humano.

A Inteligência Artificial Generativa pode, ainda, ser vista como ameaça (Harari, 2024), ao se apartar de seu papel instrumental e ocupar espaços decisórios ou formativos sem que haja mediação humana, possibilitando de desumanização dos processos sociais, educativos e afetivos, além de contribuir para a substituição de empregos ou disseminação de desinformação. Com efeito, o grande temor não é o de a IAGen dominar o mundo, mas a ameaça de o humano renunciar a sua humanidade em nome da eficiência algorítmica.

Possivelmente, estejamos diante da necessidade de inventarmos uma nova categoria para essa inteligência, que fuja da dicotomia ‘autor/não autor’. Quem sabe, por exemplo, ‘mediação algorítmica significativa’, ‘cocriação assistida’, ou mesmo ‘parceria técnico-criativa’? Isso permitiria reconhecer o seu papel no processo, sem que lhe fosse atribuída uma condição que exige consciência, intencionalidade e responsabilidade - elementos indissociáveis da autoria como a conhecemos.

Nessa perspectiva, entre o espelho, a parceria e a ameaça, a Inteligência Artificial Generativa nos convida a uma escolha ética e pedagógica: como queremos nos relacionar com aquilo que criamos? Seremos meros consumidores de respostas prontas ou protagonistas na tecitura de novos sentidos?

A meu ver, quando escrevemos com a IAGen, inscrevemo-nos nela, ou seja, subvertemos o senso comum de que usar esse artifício seria apenas delegar tarefas, para deixarmos nossas digitais, revelarmos nossas intenções, inquietações e estilo próprio. Alimentamos esse tipo de escrita que pulsa entre o humano e o artificial, dialogando com uma tecnologia que também participa da criação. Não exatamente uma inscrição formal, mas uma associação tácita, na medida em que, ao trazermos a intenção, o contexto, o impulso criativo nos tornamos parte do seu funcionamento, e ela, da nossa expressão, respondendo com possibilidades, sugestões e novas conexões. Desse modo, a IAGen não inicia o gesto criativo por conta própria; ela é provocada, conduzida, moldada por escolhas humanas. O estilo, as perguntas, os silêncios, tudo isso alimenta a máquina e define o tom da criação.

Nesse contexto, a escrita é mais do que o texto final: é processo formativo; um ‘trajeto’, uma prática de reflexão e construção subjetiva. A autoria não se dá por acaso. Ela é escolha, presença. Isso tem

implicações educacionais e filosóficas, dado que, em sendo o aprendizado pela interação, essa escrita pode revelar ao autor suas próprias lacunas, obsessões temáticas ou vícios estilísticos. Nessa perspectiva, o humano não só forma o texto, mas é formado por ele, ao dialogar com sugestões, refutações e variações que a IAGen propõe.

Com efeito, o futuro dessa relação depende menos da tecnologia em si, e mais da intencionalidade humana que a orienta, deslocando o foco dos algoritmos para a ética da criação. Isso implica responsabilizar-nos sobre seu uso, dado que a tecnologia por não ser neutra, amplifica o que nela inserimos. A maneira como escolhemos usá-la molda o tipo de cultura que estamos construindo. Ademais, é preciso preservar o caráter dialógico da escrita com IAGen, privilegiando a troca e descartando a submissão.

## **Pedagogia do encontro: quando educação e Inteligência Artificial Generativa se abraçam**

Pensem em um abraço; naquele abraço verdadeiro, em que os corpos se enlaçam, escutamos os silêncios, partilhamos respiros, trocamos energia e reconhecimento mútuo. Agora, imaginem um abraço entre Educação e Inteligência Artificial Generativa. Vocês podem argumentar que isso é praticamente impossível. Como unir o maquínico e o humano, o calculado e o sensível, a lógica algorítmica e a incerteza do afeto? No entanto, é preciso considerar que a Educação sempre foi um terreno fértil para revoluções silenciosas. Da lousa à tela, do giz ao código, cada inovação tecnológica que se entrelaça com o ensino redefine não apenas como aprendemos, mas também como pensamos sobre o próprio ato de aprender. Nesse cenário, o encontro entre a Inteligência Artificial Generativa e a educação não é apenas uma parceria funcional; é um abraço profundo entre possibilidades e propósitos.

Por ser um espaço de trocas, descobertas e transformação, é exatamente no ponto de tensão entre humanos e tecnologia que nasce a Pedagogia do Encontro, uma abordagem educacional centrada na valorização da relação entre educador e educando, que se constrói no diálogo, na amorosidade, na escuta e no reconhecimento do outro como sujeito (Freire, 2021). Essa pedagogia entende que aprender é um processo que se dá a partir dos encontros significativos entre pessoas, histórias e saberes. Esse ‘encontro’ não é apenas físico ou circunstancial, mas é um encontro ético, político e existencial, que funda possibilidades de transformação mútua; um convite à escuta, à presença, à colaboração.

Para Macedo (2024), o encontro constitui um dispositivo intercítico de pesquisa e formação, que contribui com a produção de saberes na educação. Para o autor, nele, “[...] a diferença se torna uma exuberante potência para compreendermos mais, e de uma outra forma, desatando as amarras do apriorismo hipotético do instrumentalismo científico e acadêmico (Macedo, 2024, p. 57). Inspirado em Baruch Spinoza e Gilles Deleuze, Tadeu (2002) questiona a centralidade das categorias de sujeito e objeto na educação, sugerindo que o currículo deve ser mais fluido e relacional, no qual o aprendizado ocorre por meio de encontros e composições, focando nas interações e afetos que emergem entre os diferentes corpos que o habitam. Ao se permitir encontrar a Inteligência Artificial Generativa, a Educação reconhece no outro, mesmo que seja a máquina, uma possibilidade de ampliação do humano. Nesse sentido, a tecnologia deixa de ser ferramenta para tornar-se parceira, mediadora, repositório de mundos possíveis.

Na Pedagogia do Encontro, a IAGen não substitui o educador, mas pode ser parceira na tecitura do conhecimento, auxiliando na personalização do ensino, na geração de materiais didáticos sob medida e na promoção de novas formas de interação entre estudantes e professores. Mas o verdadeiro encontro acontece quando essa tecnologia é utilizada com consciência e sensibilidade, como catalizadora do pensamento crítico e a criatividade.

Para a Pedagogia do Encontro a aprendizagem não se limita à transmissão de conteúdos, mas envolve afetos, questionamentos e construção coletiva. Como um acontecimento relacional e afetivo, o encontro é carregado de potência formativa, o que implica uma ética da convivência e uma estética da criação partilhada, nas quais o saber emerge do entrelaçamento entre sujeitos, afetos e mundos. A IAGen pode ajudar a despertar a curiosidade dos alunos, sugerir caminhos inovadores e democratizar o acesso ao conhecimento, mas sempre a partir da escuta e do diálogo entre humanos.

Garcia (2013) argumenta que os processos formativos geralmente acontecem nos e com os encontros. Nessa perspectiva, toma como base a canção ‘Tem mais Samba’ e, fazendo uma analogia com as rodas de samba,

Tem mais samba no encontro que na espera [...]

Tem mais samba no chão do que na lua [...].  
Vem que passa teu sofrer,  
Se todo mundo sambasse,  
Seria tão fácil viver (Buarque, 1991).

Argumenta que o encontro e as rodas de samba comungam do mesmo espírito: ambas são construídas na coletividade, no respeito à troca de saberes e na valorização da expressão cultural.

Nas rodas de samba os músicos além de tocarem, ouvem-se, complementam-se, desafiam-se. Cada instrumento tem seu papel, mas nenhum se sobrepõe ao outro. A música acontece no encontro, no olhar atento, na improvisação consciente. E o público participa, canta, dança, e participa daquele momento de construção coletiva.

Assim como no samba, que encontra ‘sentidosignificação’ e ganha mais vida no ‘chão’, os processos formativos também necessitam do encontro da Educação com a IAGen., nos cotidianos escolares, no qual o ‘sentirfazerpensar’ seja valorizado, sustentado pelos princípios do acolhimento, do aprender fazendo ,do aprender crescendo, do aprender trocando e do certificar praticando , como nos ensina Warschauer (2017) - um ‘espaçotempo’ de diálogo, interatividade e colaboração, na alegria , na afetividade e no respeito mútuo (Amaral, 2024). Em vez de um ensino rígido e unilateral, o aprendizado é baseado na troca, na qual docentes e discentes aprendem juntos, em parceria com a tecnologia, como os sambistas em uma roda e os instrumentos musicais. O conhecimento não vem de um único lugar; ele se forma nas interações com o outro e com os objetos, no respeito às histórias e saberes individuais.

Com efeito, a Inteligência Artificial Generativa não é mais uma tendência futura - ela já se faz presente na educação. Pesquisas recentes oferecem uma visão abrangente sobre como a Inteligência Artificial Generativa está sendo integrada (ou não) nas escolas brasileiras, tanto do ponto de vista técnico quanto pedagógico e ético, como mostra a Tabela 1.

**Tabela 1.** Inteligência Artificial Generativa nas escolas.

|                                      |                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                           |
|--------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Instituto Significare + UTFPR (2025) | Inteligência Artificial na Educação Básica: Percepções e Desafios dos Professores | <ul style="list-style-type: none"><li>• 61,6% dos professores usam IA para planejar aulas. Apenas 14,3% utilizam IA para criar materiais didáticos. 78,3% acreditam que é essencial ensinar ética no uso da IA.</li></ul> |
| Porvir + NIC.br (2024)               | Panorama nas Escolas”                                                             | <ul style="list-style-type: none"><li>• 90% das escolas têm internet, mas menos de 30% têm equipamentos suficientes.</li><li>• Média de 1 dispositivo para cada 10 alunos.</li></ul>                                      |
| CIEB – Centro de Inovação para a     | Nota Técnica #21                                                                  | <ul style="list-style-type: none"><li>• Inteligência Artificial na Educação Básica: Novas Aplicações e Tendências para o Futuro</li></ul>                                                                                 |
| Educação Brasileira (2021-2024)      | Nota Técnica #24: Inteligência Artificial Generativa                              | <ul style="list-style-type: none"><li>• Inteligência Artificial Generativa: Usos na Gestão das Secretarias Estaduais de Educação</li></ul>                                                                                |
| UNESCO (2023)                        | Guia: Inteligência Artificial Generativa na Educação e na Pesquisa                | <ul style="list-style-type: none"><li>Propõe limite de idade (13 anos) para uso de IA em sala de aula.</li><li>• Recomenda validação ética e pedagógica das ferramentas.</li></ul>                                        |
| Geekie Educação (2025)               | Plataforma Geekie One e trilha gratuita de formação docente em IA.                | <ul style="list-style-type: none"><li>• IA usada para personalizar trilhas de aprendizagem. Ferramentas como Geekie Teste automatizam avaliações e geram dados pedagógicos.</li></ul>                                     |

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos sites das entidades.

Sem sombra de dúvida, as escolas brasileiras vivem um momento de transição. Ainda que inteligências artificiais generativas, como o ChatGPT, o Copilot e o Gemini, entre outros, venham sendo utilizadas pelos estudantes - especialmente os de ensino médio, de forma crescente, muitos professores ainda não se sentem preparados para integrar tais tecnologias as suas práticas pedagógicas. Paralelamente, preocupações com plágio, desinformação, exclusão digital e outros riscos acabam por limitar seu potencial educativo. O desafio, portanto, é deslocar o uso dessa tecnologia, não raras vezes desprovido de intencionalidade pedagógica, para uma prática crítico-reflexiva, ética e inclusiva. Isso exige investimento consistente na formação continuada de professores, favorecendo tanto a compreensão e o uso pedagógico dessas tecnologias quanto a promoção de reflexões sobre autoria, responsabilidade no uso consciente da tecnologia e seus impactos sociais.

Cabe lembrar que, assim como no samba, o ‘encontro’ precisa de escuta ativa, ritmo e harmonia, na

‘Pedagogia do Encontro’, o algoritmo não comanda a aprendizagem; dialoga com ela. A inteligência da máquina não se sobrepõe à sensibilidade do educador — ela a amplia, complexifica, multiplica repertórios. E, mais: o estudante não é reduzido a um dado, mas compreendido como um ser em travessia, capaz de se apropriar criticamente das tecnologias para produzir sentidos. Um encontro que exige curadoria, ética e intencionalidade; supõe um educador disposto a habitar o novo com os pés fincados na dignidade humana, e uma tecnologia que sirva à vida, à diversidade, à justiça. Uma pedagogia na qual a presença humana e a inteligência artificial se encontram não para se anularem, mas para se reinventarem mutuamente.

Com efeito, se para um abraço é preciso confiança, na educação é preciso esperar, no sentido mais freiriano do termo, acreditando que algo novo pode sempre emergir quando há espaço para a escuta, para a alteridade e para o comum.

Sob essa ótica, a ‘Pedagogia do Encontro’ - conceito que valoriza a interação e a entre seres humanos, animais e objetos, fundamentada na ideia de que o aprendizado acontece de maneira mais significativa quando estamos abertos ao encontro com o outro, seja ele quem ou o que for aprendizado inovador -; surge como uma possibilidade de fusão harmoniosa entre tecnologia e educação na sala de aula contemporânea; um caminho possível que valoriza o encontro entre diferentes formas de inteligência (humana e artificial), estimulando a cooperação e a criatividade, o que demanda compreender a Inteligência Artificial Generativa como parte de um ecossistema educacional plural, inclusivo e significativo.

Nesse sentido, a Pedagogia do Encontro se aproxima do pensamento de Freire (2019a), que tem como cerne a dialogicidade e a construção coletiva do conhecimento, valorizando a experiência dos sujeitos e promovendo uma educação significativa.

Quando inserida nesse contexto, o desafio é garantir que a Inteligência Artificial Generativa não reforce uma visão bancária da educação, na qual o estudante apenas receba informações prontas, mas sim potencialize o diálogo, a problematização e a sua emancipação; uma aliada na personalização do processo de aprendizagem, que respeite os diferentes ritmos de aprendizagem, mediante uma abordagem inclusiva e democrática.

Com efeito, a integração da Inteligência Artificial Generativa na educação requer intencionalidade pedagógica, ou seja, seu alinhamento aos objetivos de aprendizagem, para que seu uso faça sentido no contexto educativo. Nessa perspectiva, como assegurar que os algoritmos promovam equidade? Como potencializar a autonomia dos estudantes? Como equilibrar a lógica da personalização sem cair no isolamento individualista?

A resposta a esses questionamentos está na construção de ambiências formacionais que valorizem não apenas o viés transmissivo-conteudista, mas, também, o diálogo, a interatividade, a colaboração e o pensamento crítico, o que exige considerar que a Inteligência Artificial Generativa complementa e potencializa o trabalho docente; não o substitui.

A Pedagogia do Encontro, nesse sentido, pode orientar o uso da Inteligência Artificial Generativa, favorecendo a escuta ativa, o reconhecimento do outro e a construção coletiva do saber. Quando utilizada para criar pontes entre diferentes realidades, oferece caminhos plurais para o aprendizado e fomenta a participação ativa dos educandos, tendo a humanização como princípio orientador. Nessa perspectiva, dialoga com a visão freiriana de educação como prática da liberdade, na qual os homens “[...] se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros” (Freire, 2019b, p. 141).

Desse modo, ainda que a IAGen favoreça nossas análises e nos apresente sugestões, é fundamental desenvolver a reflexão crítica dos estudantes, o questionamento de fontes e a busca da autonomia. Seu uso, pautado em princípios éticos, deve respeitar a privacidade dos indivíduos e a transparência dos algoritmos, tendo em vista evitar vieses que reforcem desigualdades sociais, além de fortalecer a interação humana no ambiente educativo, possibilitando o desenvolvimento de processos intercomunicativos e multidimensionais (Bottentuit Junior, 2024; Alves & Santos, 2024).

Na medida em que a interseção da Inteligência Artificial Generativa com a educação, sob o viés da Pedagogia do Encontro, valoriza a interação humana e a construção de um ambiente educacional mais humanizado e participativo, sua presença demanda abertura e flexibilização constante das práticas pedagógicas, pois seja mediante contato humano, ou em sua relação com objetos, cada encontro tem o potencial de enriquecer nossa experiência e ampliar nossa compreensão do mundo.

## Considerações finais

Repensar a noção de autoria, no cenário atual, marcado por fluxos informacionais intensos e pela presença cada vez mais sofisticada das tecnologias digitais, particularmente pelas IAGen, tornou-se uma necessidade ética, epistemológica e pedagógica. A ideia moderna de autor como um gênio criador, soberano sobre sua obra, deu lugar a uma nova configuração: a autoria como processo ‘distribuído’, entre sujeitos, máquinas, contextos e linguagens.

Assumir a autoria como distribuída é reconhecer que a criação não nasce no vazio. Todo autor é também leitor, intérprete, remixador, pois sua obra é atravessada por vozes alheias, influências, memórias e dispositivos. Nessa perspectiva, as IAGen operam como mediadoras ativas, capazes de sugerir textos, imagens, títulos, estruturas e estilos com base em poderosos bancos de dados e algoritmos preditivos, não podendo ser consideradas autoras, dado que não possuem intencionalidade, subjetividade ou responsabilidade. No entanto, ressalto, sua intervenção pode ser significativa o suficiente para transformar a obra, caso o usuário a compreenda como parceira, assumindo o papel de curador, responsabilizando-se pela composição, recombinação e tensionamento dos elementos preexistentes, muitas vezes produzidos por inteligências artificiais generativas, comunidades ou redes sociais. Seu gesto autoral reside justamente aí: na capacidade de construir narrativas híbridas, de operar deslocamentos e criar atravessamentos.

Nessa perspectiva, a introdução dessa tecnologia na educação não deve ser vista como uma ameaça, mas como uma oportunidade de evolução. Longe de substituir a figura do educador, a IA potencializa suas capacidades, permitindo a promoção de uma aprendizagem mais personalizada, inclusiva e criativa. Quando aplicada de modo responsável, pode transformar a educação em um processo mais humanizado e libertador, no qual o docente desempenha um papel essencial, ao fazer uso consciente e prudente da IAGen nas escolas, universidades e pesquisas, e os estudantes são estimulados a pensar criticamente, explorar suas próprias possibilidades e se preparar para os desafios de um futuro em constante mudança.

Com efeito, a Pedagogia do Encontro configura-se como um campo fértil para o entrelaçamento de saberes, experiências e potências criativas, viabilizando um movimento contínuo de construção e colaboração entre humanos e a Inteligência Artificial Generativa. Tal interação não se limita a um simples uso instrumental do dispositivo, mas implica um processo dialógico e recursivo, no qual as entradas (*prompts*) e as respostas produzidas alimentam-se mutuamente, refinando ideias, ampliando perspectivas e permitindo que a criação se desdobre em múltiplas direções. Esse ciclo retroalimentado potencializa a (com)criação de produções textuais, artísticas e científicas, ao mesmo tempo em que otimiza tarefas de natureza operacional, assegurando rapidez e eficiência. Mais do que acelerar processos, essa prática instaura novas ecologias de aprendizagem, nas quais a mediação tecnológica amplia as condições para a autoria compartilhada, fomenta o pensamento crítico sobre os próprios enunciados produzidos e convoca educadores e aprendizes a assumirem uma postura ativa, ética e reflexiva diante das tecnologias que coabitam o espaço educativo.

Com efeito, o encontro entre Inteligência Artificial Generativa e Educação é um abraço entre o presente e o futuro; a oportunidade de reimaginar o aprendizado como um processo mais dinâmico, inclusivo e criativo. Mas como todo abraço verdadeiro, ele precisa de reciprocidade: a tecnologia oferece, mas a humanidade escolhe como usar. Que esse abraço, portanto, seja firme, mas sensível, aproximando-nos do conhecimento, sem nos afastar da sabedoria.

## Disponibilidade de dados

O artigo adota a forma de ensaio crítico-reflexivo, fundamentado em elaboração conceitual e experiência autoral, sem recorrer a procedimentos empíricos ou à coleta de dados estruturados. Por essa razão, não há conjuntos de dados a serem disponibilizados.

## Referências

- Adorno, T. W. (2003). *O ensaio como forma*. In T. W. Adorno. *Notas de literatura I* (p. 15-46). Editora 34.
- Alves, L., & Santos, W. (2024). Interações com inteligências artificiais contemporâneas: limites e possibilidades na área de educação. In C. Porto, E. Santos, & J. B. Bottentuit Junior. (Orgs.), *ChatGPT e outras inteligências artificiais: práticas educativas na cibercultura* (Vol. 2, p. 73-83). EDUFBA.
- Alves, N. (2019). *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares*

para pensar as escolas hoje. Cortez.

Alves, R. (2021). *Ostra feliz não faz pérola* (3. ed.) Paidós.

Amaral, M. M. (2014). *Autorias docente e discente: pilares de sustentabilidade na produção textual e imagética em redes educativas presenciais e online* [Tese de Doutorado em Educação, Universidade Estácio de Sá].

Amaral, M. M. (2024). *A ciberpesquisa em educação: autorias e inspirações teórico- metodológicas do Grupo de Pesquisa Docência e Ciberultura – GPDOC*. Pedro & João editores.

Ardoino, J. (1998). Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In J. G. Barbosa (Coord.), *Multirreferencialidade nas ciências sociais e na educação* (p. 24-41). Vozes.

Bakhtin, M. (2011). *Estética da criação verbal*. Martins Fontes.

Barthes, R. (2004). A morte do autor. In R. Barthes. *O rumor da língua* (3. ed., M. Laranjeira, Trad.). Martins Fontes.

Bottentuit Junior, J. B. (2024). Inteligência artificial na educação: propostas pedagógicas com o ChatGPT. In C. Porto, E. Santos, & J. B. Bottentuit Junior. (Orgs.), *ChatGPT e outras inteligências artificiais: práticas educativas na cibercultura* (Vol. 2, p. 59-72). EDUFBA.

Buarque, C. (1991). Tem mais samba. [Álbum]. In *Chico Em CY*, Gravadora CID.  
<https://www.youtube.com/watch?v=9qLdBOu4uvM>.

Chartier, R. (2006). Esbozo de uma genealogia de la —función-autor. *Artefilosofia*, (1), 187-198.  
<https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/808/763>

Crawford, K. (2021). *The atlas of AI: power, politics, and the planetary costs*. Yale University Press.

Eco, U. (2020). *Apocalípticos e integrados*. Perspectiva.

Foucault, M. (1992). *O que é um autor?* Vega.

Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso* (24a ed.). Loyola.

Freire, P. (2019a). *Educação como prática da liberdade*. Paz e Terra.

Freire, P. (2019b). *Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra.

Freire, P. (2021). *Extensão ou comunicação?* (R. D. Oliveira, Trad.). Paz e Terra.

Garcia, A. (2013). Encontros e processos formativos: uma conversa sobre currículos e estágio na formação de professores. *Cadernos de Pesquisa em Educação – PPGE/UFES*, 19(38), 11-34.  
<https://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/7890/5598>

Hall, S. (2019). *A identidade cultural na pós-modernidade* (7. ed.). DP&A.

Harari, D. N. (2024). *Nexus: uma breve história das redes de informação, da idade da pedra à inteligência artificial*. Companhia das Letras.

Jonas, H. (2006). *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Contraponto.

Latour, B. (2012). *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Edufba.

Lévy, P. (1999). *Cibercultura* (C. I. Costa, Trad.). Editora 34.

Macedo, R. S. (2020). *A pesquisa como heurística, ato de currículo e formação universitária: experiências transingulares com o método em ciências da educação*. Appris.

Macedo, R. S. (2024). *O encontro: arte e dispositivo de pesquisa-formação*. Pontes.

Montaigne, M. (2016). *Ensaaios* (S. Milliet, Trad. e notas; Obra original publicada em 1580). Editora 34.

Pimentel, M., Carvalho, F. P., & Silveira, V. J. (2024). IA generativa pode ser coautora? *Tríade: Comunicação, Cultura e Mídias*, 12(25), e024012. <https://doi.org/10.22484/2318-5694.2024v12id5569>

Ribeiro, M. R. F. (2015). *A sala de aula no contexto da cibercultura: formação docente e discente em atos de currículo* [Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro].

Ribeiro, M. R. F., & Santos, E. O. (2018). Ciberautoridade: contribuição para pensar fazer a formação docente e discente na cibercultura. *Revista e-Curriculum*, 16(2), 565-597.  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/36506>

Sampaio, R. C., Sabbatini, M., & Limongi, R. (2024). *Diretrizes para o uso ético e responsável da inteligência artificial generativa: um guia prático para pesquisadores*. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares.

Tadeu, T. (2002). A arte do encontro e da composição: Spinoza + currículo + Deleuze. *Educação e Realidade*,

27(2), 47-57. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25915>

Warschauer, C. (2017). *Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela* (2. ed.). Paz e Terra

### INFORMAÇÕES SOBRE A AUTOR

**Mirian Maia do Amaral:** Doutora e Mestre em Educação e Cultura Contemporânea com concentração em Tecnologia da Informação e da Comunicação (UNESA). Pós-doutora em Educação (UERJ). Professora da FGV/IDE.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0647-6427>

E-mail: [amaral3378@gmail.com](mailto:amaral3378@gmail.com)

#### **Nota:**

Como único autor, responsabilizo-me pela produção integral do referido artigo desde sua concepção, até a submissão a essa Revista.

#### **Editor associado responsável:**

**Terezinha Oliveira (UEM)**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9841-7378>

E-mail: [teleoliv@gmail.com](mailto:teleoliv@gmail.com)

**Maria Terezinha Bellanda Galuch (UEM)**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5154-9819>

E-mail: [mtbgaluch@uem.br](mailto:mtbgaluch@uem.br)

**Solange Franci Raimundo Yaegashi (UEM)**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7666-7253>

E-mail: [sfryaegashi@uem.br](mailto:sfryaegashi@uem.br)

**Vania Fátima Matias De Souza (UEM)**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4631-1245>

E-mail: [vfmsouza@uem.br](mailto:vfmsouza@uem.br)

#### **Rodadas de avaliação:**

Dois convites; dois pareceres recebidos

#### **Revisor de normalização:**

Adriana Curti Cantadori de Camargo